

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante*
 José Paulo Naiberg Naslavsky**

O LUGAR “DE” SUJEITO NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ (Placing the subject in mother-baby interaction)

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss the process of subjective constitution from the perspective of the assumption of subject's position, in using personal pronouns, in cradle dialogs from relational roots “mom-baby”. Based on De Lemos' structural approach that highlights the roll of discourse instances in “mom-baby” dialog subjective constitutions, as well as in Lacan referring to the mirror stage that conceives the self constitution beginning from a fragmented body-image to a form of its totality by the endorsement of other one's look. In Lacan's proposal of such relationship, the mother's interpretation of the baby supports his image, it's the baby's inclusion in the mother's speech, characterized with a particular melody denominated Motherese (NASLAVSKY & CAVALCANTE, 2003). The mirror stage promote in the child the anticipation of the self /me initial constitution moment, experienced by the baby between its six and eighteen months, period in which he may find the completion through the mirror image when he sees and recognizes the mirror image as his own. Thus we analyze a motherese longitudinal data through the child's first thirty six months of life. Results show that when analyzing personal pronouns used in a dialogic relationship, its possible to understand the interacting assumed discursive roles as being constitutive the self subjectivity.

Keywords: subjective constitution; “mom-baby”; motherese.

RESUMO

Este trabalho tem por intuito discutir o processo de constituição subjetiva a partir da perspectiva de assumpção do lugar de sujeito, no uso de pronomes pessoais, nos diálogos de berço da matriz relacional mãe-bebê. Fundamentados na abordagem estrutural de De Lemos que destaca o papel das instâncias discursivas para a constituição subjetiva na dialogia mãe-bebê, bem como em Lacan, no que diz respeito ao estágio do espelho, que concebe a constituição do Eu a partir do olhar do Outro. Nesta relação proposta por Lacan, o que sustenta a imagem do bebê é a interpretação materna deste, é a inserção deste bebê na fala materna. Fala esta caracterizada por uma melodia própria, concebida como *manhês* (NASLAVSKY & CAVALCANTE, 2003). Este *estádio* ilustra detalhadamente o momento inaugural de constituição do **eu** da criança, experiência pela qual passa o bebê entre seis e dezoito meses, período que prefigura uma totalidade corporal por meio da percepção da própria imagem no espelho, quando reconhece e vivencia a imagem de seu corpo no espelho como sendo sua própria imagem. Assim, analisamos dados longitudinais de uma diade mãe-bebê ao longo de 36 meses de vida da criança. Resultados mostram que ao analisar o uso dos pronomes pessoais na relação dialógica é possível compreender os papéis discursivos assumidos na interação como constitutivos da própria subjetividade.

Palavras-chave: Constituição subjetiva; mãe-bebê; manhês.

Neste artigo assumimos uma abordagem estrutural (DE LEMOS, 1999a; 1999b; 2001) na qual o discurso materno, principalmente através da modalização vocal (CAVALCANTE, 1999), dá sustentação às produções do infans, inserindo-o na língua, dando-lhe significação. Tendo como foco a dêixis pessoal, em especial o fenômeno da enunciação, buscamos mostrar o funcionamento desta matriz relacional mãe-bebê.

* UFPB - mariannecb@yahoo.com.br

** FAFIRE/LAFE - zepaulo.naslavsky@gmail.com

Na lingüística, o fenômeno referencial ou dêitico é concebido como a locação e identificação de pessoas, eventos, processos e atividades, sobre as quais se fala ou se refere em relação ao contexto espaço-temporal criado e sustentado pelo ato do enunciado, do qual participam um só falante e pelo menos um ouvinte (LYONS, 1977).

O nosso intuito é olhar uma dêixis específica, a deixis pessoal, pois esta evidencia o processo de constituição subjetiva dos parceiros (o bebê em especial). E é justamente este processo que pretendemos mostrar.

É Benveniste (1956-1988) quem destaca que na dêixis pessoal os pronomes pessoais *eu-tu* são vazios quanto à referencialidade, isto é, eles não referem a nada do mundo, apenas aos locutores do discurso, alternando-se de acordo com aquele que enuncia. Antes de entrarmos nesta discussão relacional precisamos dizer do lugar que falamos e para isso buscamos construir a noção do **eu sujeito**.

“Sujeito” parece não ser um termo de simples significação para a Psicologia ou Psicanálise ou para a Lingüística. Livros básicos que fundamentam o percurso de formação em Psicologia não o explicitam. Laplanche e Pontalis, até a edição de 1986 do seu Dicionário da Psicanálise também não oferecem uma enunciação para o verbete.

Não obstante, o sujeito existe. Imaterial, perceptível apenas através da dedução que um outro faz a partir da fala, atitudes, comportamentos, ânimo e outros sinais produzidos voluntária ou involuntariamente pelo indivíduo, é no “sujeito” que está o foco de trabalho dos profissionais da área psicológica. De certa forma, a questão do “sujeito” é o cerne da questão.

Há apenas 300 anos um filósofo, Descartes, deu vida ao sujeito, reconhecendo que há um descolamento em cada ser humano que o coloca, de certa maneira, senhor de si. No percurso do pensamento ocidental a noção de sujeito volitivo foi surgir somente com o racionalismo cartesiano, no século 17. Até então, o homem era visto de forma etérea e ontológica, estando assim ausente o sujeito da vontade própria, já que a inserção dele no mundo tinha um caráter de predestinação religiosa.

Sigmund Freud, no final do século 19, abala essa noção estabelecida de sujeito independente, dizendo, com a psicanálise, que a suposta autonomia não é plena, já que existe nele uma instância inconsciente, portanto imprevisível e incontrollável. Mais recentemente, já meados do século 20, Jacques Lacan (1953-1954) e Donald Winnicott (1960), dois outros importantes teóricos da psicanálise, propõem, cada um a sua maneira, que o sujeito existe por ser concebido a partir do desejo de um outro. Qual é, então, o lugar do sujeito?

A importância de estudar a fase inicial do sujeito para as diversas áreas da Psicologia, remete diretamente a Freud, quando este comparava o trabalho psicanalítico com a arqueologia: a arqueologia do sujeito.

O que chamamos de nascimento do ser humano põe no mundo um ser

biologicamente em processo de constituição, no qual inúmeros fenômenos de transformação orgânica estão acontecendo, mas não um sujeito psicológico, que estaria ainda por se constituir.

Ao longo do primeiro ano de vida, o esforço orgânico está voltado à sobrevivência e adaptação. A criança é um ser frágil, absolutamente dependente de um outro ser humano que seja capaz de suprir suas necessidades de alimentação, higiene, conforto e tudo mais que possa vir a faltar a um bebê. Numa presença adequada, estaria o adulto então promovendo no bebê um estado de segurança em contraposição, na falta eventual, do que seria o estado oposto. Essa relação complementar, conhecida como díade mãe – bebê tem a função implícita de viabilizar o desenvolvimento adequado do organismo criando, em paralelo, as condições necessárias para o desenvolvimento psicológico. É um período de vivência absolutamente simbiótica.

Cabe recortar aqui como ponto sobre o qual iremos nos aprofundar, que a inauguração de um **eu**, ainda que seja um *proto eu*, se dá a partir da possibilidade de experiência objetal¹. De certa forma, há, para o futuro sujeito, um Outro que o faz **eu**. Neste momento um esboço de **eu**. Um sujeito em constituição.

Se a matriz relacional mãe-bebê é fundante da subjetividade, e que esta se dá pelo atravessamento da linguagem, cabe agora entender as sutilezas de uma fala característica deste momento: o manhês.

A FALA DIRIGIDA AO BEBÊ: O MANHÊS

Em meados da década de setenta, muitos foram os estudos que se detiveram no manhês². Devido à sua configuração particular no que diz respeito a características morfológicas, sintáticas e fonológico-segmentais peculiares como: uso de sentenças gramaticais curtas; repetições; simplicidade sintática; itens lexicais infantilizados e da modificação da articulação de certos segmentos; elevação de altura; entonação exagerada; grande número de perguntas e imperativos. Tais simplificações seriam utilizadas pelos falantes devido à imagem que se faz das dificuldades lingüísticas das crianças pequenas, neste contexto surge a *hipótese do manhês* (GLEITMAN, NEWPORT & GLEITMAN, 1984) configurou-se então na crença de que os adultos em geral e as mães em particular suprem suas crianças com “lições de linguagem”.

¹ Capacidade que o bebê desenvolve de reconhecer a existência de um outro, a partir da identificação.

² Há outras nomenclaturas utilizadas pela literatura em aquisição da linguagem para se referir a este tipo de fala: baby talk; fala dirigida à criança. A mudança de nomenclatura na referência a esta fala reflete o lugar teórico desta nas teorias em questão. No entanto, não trataremos desta discussão no espaço deste artigo, para isso remetemos à Cavalcante (2003) para uma discussão aprofundada no tema.

Tal *hipótese* foi construída com o intuito de testar o impacto da fala materna sobre o desenvolvimento das estruturas lingüísticas das crianças. Recentemente, estes estudos têm tomado novo impulso (FERNALD, 1993) e ao invés de “lições de linguagem” esta fala – a prosódia em especial³ – desempenha uma função lingüístico-discursiva desde os primeiros meses, marcando a constituição e o deslocamento de lugares discursivos entre mãe e bebê (CAVALCANTE, 1999, entre outros).

O LUGAR DO ENUNCIADOR ENTRE O ‘EU’ E O ‘ELE’ NA DIALOGIA MÃE-BEBÊ

Desde o nascimento o bebê encontra-se inserido numa estrutura dialógica através da *fala atribuída* materna – quando a mãe fala “*como se*” fosse o bebê (CAVALCANTE, op. Cit.), concebendo-o como um parceiro dialógico, atribuindo-lhe “voz”: instância inicial de funcionamento da língua.

Na modalização vocal materna, através do falseto e da fala infantilizada, há uma marcação prosódica do lugar discursivo do infante. Neste momento, o tópico de interesse da fala materna é o comportamento involuntário da criança (esboço de sorriso, bocejo, choro), ou seja, aqui a referência é o próprio bebê. Como podemos observar na situação a seguir:

Fragmento 1: A mãe está trocando o bebê (4 meses e 9 dias) que chora sem parar. Enquanto veste o bebê, ela tenta distraí-lo com brinquedos.

- C- soluçando
(voz sussurrada –ritmada acompanhando o soluçar)
- M- pronto, pronto, pronto, pronto, pronto.
- C- (os soluços de choro diminuem quando a mãe põe o bebê no braço, confortando-o)
- M- pronto, pronto, pronto, pronto.
- C- (Bebê boceja)
(falseto –voz rangida)
- M- Que sono, mamãe!

Tal postura se coloca fruto de uma ação especular de recorte de fragmentos do discurso materno que ao se referir à criança, o faz como se esta fosse, um ‘ele’, isto é, a mãe é objeto de uma fala atribuída ao bebê, por ela mesma.

Num momento mais adiante da história interativa (a partir dos quatro meses), o núcleo da atividade dialógica deixa de ser o bebê e seus comportamentos e passa a centrar-se no ambiente que cerca a díade. Assim, a atividade interativa materna passa a ser de destacar objetos (referentes) no contexto situacional, através de um processo referencial (voz e/ou gesto) para o seu parceiro interativo – o bebê.

³ Scarpa (1992; 1997) tem desenvolvido pesquisas mostrando que a entonação constitui-se como via privilegiada da da inserção da criança na língua.

Neste momento a atenção conjunta é um ponto importante e a troca de olhares através do “face a face” é o ponto inicial para o estabelecimento desta atividade conjunta (DORE, 1983; BRUNER, 1975, 1983; TREVARTEN, 1979; entre outros). A partir daí, a interação materna passa a envolver a topicalização de objetos no contexto situacional para o bebê, estimulando assim o processo de troca interativa. Após algum tempo, o próprio bebê passa a se utilizar deste estratégia através dos jogos de dar e pegar, no uso de gestos indicativos seguidos ou não de vocalizações.

Mesmo assim, o lugar de terceira pessoa no discurso atribuído materno permanece, pois ela faz referência a outros objetos através da fala atribuída, como vemos nos exemplos a seguir: “*Olha o pintinho mãezinha!*”; “*Bora brincar mamãe?*”; “*Cadê Vitor hein, mamãe?*”

Assim como a mãe se coloca como um objeto no diálogo, também faz o mesmo com a criança, o bebê é algo/alguém sobre quem se fala, como mostra o enunciado a seguir: “*Cadê o menino de mamãe?*”

Aos poucos a criança que até então se encontrava a mercê da fala materna, começa (a partir de quinze meses) a se posicionar como um falante, assumindo o seu lugar de sujeito. É justamente, a partir deste momento que o uso materno do ‘eu’ começa a se tornar presente, e o bebê passa também a ser colocado como um interlocutor, sendo chamado ao diálogo pelo seu nome/apelido ou um pronome adequado como ‘tu’ ou ‘te’, vejamos o fragmento a seguir:

Fragmento 2: *Mãe e bebê (18 meses) estão na sala, a mãe está sentada e o bebê de pé brincando com uma bola.*

M- *vai pegar a bola pra brincar!*

C- *(bebê olha para câmera e vai até o quarto pegar a bola)*

M- *vem **ninho!** Achô ?*

C- *achô!*

M- *eita! A bola linda, joga pra **mainha!***

(bebê sorri)

C- *a bóia!*

M- ***me** dê essa bolinha, pra **mainha** botar na árvore, **me** dê.*

(bebê engatinha no meio das cadeiras para sua mãe não pegá-lo)

M- *vai **me** dá **vitor!** bora **queu te** dô uma coisa, tá certo?*

(bebê sorri)

C- *a bóia!*

M- *a bola grandona.*

Como podemos observar (fragmento 2), a mãe alterna-se no lugar de terceira e primeira pessoa, neste diálogo, ora está inserida como interlocutora (eu), ora é alguém de quem se fala (mainha). Assim como o bebê, aparece no diálogo através de nomeação (ninho; vitor), como também através de pronomes (te).

Este tipo de alternância também é percebida na fala do bebê que funciona, discursivamente, também como alguém de quem se fala (ele) e aos poucos vai assumindo o seu lugar de sujeito (eu), num processo especular ao discurso materno. Vejamos o fragmento a seguir:

Fragmento 3: Mãe e bebê (20 meses) brincando no quarto.

M- cadê a bola? cum quem tá ela?

(bebê sorri)

C- **itu!**

M- tá cum vitor é?!

C- é.

Aos poucos esta fala se torna mais marcada pelo lugar do enunciador, um enunciador que se posiciona como um terceiro. Isto é, ao assumir a enunciação, a criança se auto-refere como um 'ele' (itu), alguém de quem se fala, utilizando seu nome ou seu apelido para isso.

Note-se neste fragmento que a mãe reconhece a auto-nomeação da criança e dá sustentação a ela no turno seguinte (tá cum vitor é?).

Nos fragmentos 2 e 3, mãe e criança estão sendo colocadas no diálogo enquanto objeto. Isto é, a mãe se coloca numa posição de distanciamento em relação à criança, pois não assume o seu lugar de parceiro dialógico, pois há uma 'mãe' posta no diálogo que não coincide com aquela que enuncia, assim como a criança também se coloca como uma 'criança' posta no diálogo que não coincide com aquela que enuncia. É como se ambas mãe e criança se posicionassem como narradores e expectadores de suas próprias ações.

Alguns meses depois, a mesma criança, já com trinta meses, faz uso do 'eu' em seu discurso mostrando o espelhamento presente ao longo de todo este processo:

Fragmento 4: *Mãe e bebê (30 meses) conversando na sala de jantar.*

M- quem é que ama **a mamãe**, quem é? (Pausa).

C- **eu**

M- eu (pausa), eu quem?(Pausa)

C- a mãe

Podemos dizer que aqui (fragmento 4) temos um **eu** que comparece na fala de ambos: mãe e bebê, mas mesmo enunciado ainda está sendo elaborado, isto é ainda está por se tornar sujeito. Uma vez que mostra uma não coincidência, é uma enunciação cujo sujeito, não coincide com o sujeito do enunciado, permitindo assim o equívoco. Onde se esperava o nome da criança, isto é, ela assumir o seu lugar de sujeito, surge o outro, a mãe, enunciado pela criança.

O flagrante que este momento traz, fruto de um acompanhamento longitudinal desta díade permite trazer para a observação empírica o que os pressupostos teóricos da constituição do sujeito laciano preconizam, quando

dão conta da entrada do sujeito no circuito da linguagem e o *estádio* do espelho ilustra bem isso.

De Lemos (2001) em muito se aproxima da perspectiva proposta por Lacan, no *estádio do espelho*. Pois é pela fala do outro que a criança comparece, que a ela se atribui um lugar de falante. Neste sentido é pela fala do outro que a criança é espelhada/significada, ganhando estatuto de sujeito. Desde muito cedo ela funciona como sujeito no discurso materno, ocupando um lugar que posteriormente assumirá como falante.

A criança é capturada pelo funcionamento da língua na qual é significada pelo outro. Essa captura tem o efeito de colocá-la em uma estrutura em que comparece o outro como instância de interpretação e o Outro – a língua, o sistema como depósito e rede de significações. Nessa mesma estrutura, encontra-se o outro/adulto, enquanto sujeito falante. Assim, criança e adulto estão submetidos ao sistema, ao movimento da língua (DE LEMOS, 2001).

O sujeito constitui-se na/pela língua, subjetiva-se inserido na língua. É justamente por estar na fala do outro que caminha para a subjetivação (DE LEMOS, 1995). Aqui pleiteia-se uma criança que se constitui no outro, que é capturada pelo funcionamento da língua na qual é significada, por um outro, como falante, antes mesmo de o ser.

No percurso apresentado nos fragmentos dialógicos deste artigo, pudemos acompanhar a entrada do infans no circuito da linguagem. Tal inserção se torna visível se tomamos como objeto a enunciação, o lugar **eu**. Retomamos Benveniste para encerrar esta discussão quando este afirma que: “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como **sujeito**, remetendo a ele mesmo como **eu** no seu discurso. Por isso, **eu** propõe outra pessoa, aquela que, sendo exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo **tu** e que me diz **tu**” (1956-1988 p. 286).

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. (1956) Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I. 2**. Ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, (1988).
- BRUNER, J. S. (1975) “The ontogenesis of speech acts. **Journal Child Language**, 2.
- _____. (1983) **Childs Talk**. Oxford University Press.
- CAVALCANTE, M. C. B. (1999) **Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê**. Tese de doutorado inédita. UNICAMP.
- _____. Melodias maternas: um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: Camarotti, M. do C. (org.) (2001) **Atendimento ao bebê**. Uma abordagem interdisciplinar. São Paulo, Casa do Psicólogo.

- _____. O estatuto do manhês na aquisição da linguagem. **Revista DLCV**. No. 1. João Pessoa: Idéia, 2003.
- DE LEMOS, C.T.G. (1999^a) Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO: ABORDAGENS HISTÓRICOS CULTURAIS**, p. 1 - 20.
- _____. Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição de linguagem. In: **PESQUISA CIENTÍFICA**, 1999, São Paulo. Relatório Científico apresentado ao CNPq. São Paulo, p. 1999b, p. 1-27.
- _____. Sobre o estatuto lingüístico e discursivo na narrativa da fala da criança. **Lingüística**, v. 13, p. 23-60, 2001.
- DORE, J. (1975) Holophrases, speech acts and language universals. **J. Child Lang**, 2 (1)
- _____. (1979) Conversational Acts and the Acquisition of Language. In: E. Ochs e B. . **Schieffelin org. Developmental Pragmatics**, London. Academic Press.
- FERNALD, A. Human Maternal Vocalizations to Infants as Biologically Relevant Signals: An evolutionary perspective. In P. Bloom (ed) **Language Acquisition**. Core Readings. The MIT Press, Cambridge University Press, 1993.
- GLEITMAN, L. R., NEWPORT, E. L. & GLEITMAN, H. The current status of the motherese hmeansypothesis . **Journal Child Language**, 11, 1984.
- LACAN, J. O seminário Livro In: **Os escritos técnicos de Freud**. Jorge Zahar, (1953-54) (1986).
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967/1983). **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.
- NASLAVSKY, J. P. N. & CAVALCANTE, Vínculo mãe-bebê: a especularidade e o espaço potencial. Comunicação apresentada no **V Colóquio do LEPSI** – a psicanálise, as instituições e a infância. Faculdade de Educação, USP, São Paulo. 14 a 16 de outubro de 2004. A sair nos Anais do evento.
- TREVARTHEN, C. (1979) Communication and co-operation in early infancy: a description of primary intersubjectivity . In: Bullowa, M. (ed.) **Before Speech**. Cambridge: Cambridge University Press.
- WINNICOTT, D. W. WINNICOTT, D. M. (1960) **The relationship of mother to her baby at the beginning**. In D. M. Winnicott (ed.) *The family and individual development*. Londres: Tavistock Publications, 1960.
- _____. (1996) **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes.